

**Sonhar com pés no chão:** escrituras dissidentes por uma antropologia  
contra-colonial<sup>1</sup>

Isabella A. Guimarães, UFPel, Rio Grande do Sul.

Letícia Lemos de Sousa, UFPel, Rio Grande do Sul.

Raiana M. Ferrugem, UFOPA, Pará.

Wemi Soares Pereira, UFPel, Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Antropologia contra-colonial; Escrivência; Autoetnografia.

A antropologia, em especial, tem sua formação marcada por uma fixação na produção textual e na autoridade etnográfica. No entanto, essa formação curricular invisibiliza incisivamente as antropologias dos chamados “Outros” e suas múltiplas formas de expressão. As intelectuais e ativistas como Zora Hurston, Lélia Gonzalez e Mariza Corrêa, já inovaram em suas respectivas épocas, elas partem de um corpo vivo para produzir conhecimentos críticos a partir da carne e espaço que ocupam. O lugar do "outro" é para elas uma perspectiva privilegiada sobre a colonialidade, utilizam essa percepção para fazer o que Viviane Vergueiro chama de reexame integral da colonialidade, ou seja, destrincham as violências <> resistências cotidianas em casa, na rua, na universidade, no trabalho, na escola, nos hospitais, etc. Nesse sentido, buscamos partilhar os caminhos já traçados por intelectuais dissidentes, de maneira coletiva, não apenas as que vieram antes, sobretudo com as que estabelecem uma relação de intimidade e de companheirismo diário. O coletivizando é um grupo para trocas de estratégias de pesquisa e vida, sobre a orientação da arqueóloga e professora Loredana Ribeiro onde nos envolvemos com a crítica feminista à ciência e somos estimuladas a criatividade de outras maneiras de fazer pesquisa. Antes de companheiras intelectuais, somos amigas, guardamos segredos e contamos umas pras outras, o mel e o fel, de estar vivas.

Zora Neale Hurston, antropóloga, cineasta, Negra, ativista, dramaturga e ensaísta, pioneira na escrita em primeira pessoa, a autora se dedicou a escrever sobre as emoções, vida cotidiana e amores da população afroamericana de sua época, desviando o enfoque das violências e traumas da escravidão. No momento de profissionalização da etnografia e a implementação de padrões de neutralidade, objetividade, dentre outras,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

Zora Hurston desafiava as normas demonstrando a possibilidade de fazer e escrever antropologia a partir de seu lugar no mundo enquanto mulher negra. Sua escrita antropológica carrega tanto os elementos literários quanto a oralidade das comunidades da qual fez parte e viajou para desenvolver suas pesquisas.

Antropóloga, linguista, tradutora, Negra, Lélia Gonzalez estudou a contribuição das pessoas afrodiáspóricas e indígenas na "cultura" entendida como "brasileira", se inseriu nos debates sobre pensamento social brasileiro. Lélia, teve um papel fundamental na história da Antropologia, no Feminismo Negro e no Movimento Negro. É uma das primeiras autoras a perceber e teorizar a intersecção de raça, gênero e classe na construção de opressões e resistência no sistema colonial capitalista. A partir de seus estudos criou o conceito "Amefricanidade", que parte da experiência diaspórica na América Latina e povos indígenas. Amefricanidade, se constitui como conceito que torna possível a expressão linguística, religiosa, performática, familiares, da presença cotidiana de aspectos de povos de África e indígenas, contrariando a ideia de que o embranquecimento foi uma política de sucesso no Brasil.

Mariza Corrêa, cientista social e antropóloga branca e feminista, teve seu trabalho de maior alcance e projeção nas suas análises da história da antropologia, consolidando no Brasil a área de estudos Antropologia da Antropologia. Em seus trabalhos voltados para o campo da história da disciplina, ela revela faces obliteradas pelo ensino e manutenção dos Clássicos. As pesquisas de Mariza revelam o corpo canônico, traz para o primeiro plano a corporificação dos autores da Escola Nina Rodrigues, seus corpos brancos e seus ideários de embranquecimento da população brasileira, mais que isso, seus efeitos na construção do imaginário de Nação. Em "Antropólogas e Antropologias", Mariza faz o esforço de criar linhagens de mulheres na Antropologia, pontuando e lembrando de antropólogas "esquecidas" no ensino da disciplina, se configura como via de escape da percepção homogênea e masculinista que tem sido ensinada por gerações na Antropologia brasileira. O processo de revelar o corpo, estrutura-se como metodologia feminista de análise da história da Antropologia, agregando em pesquisas que têm o compromisso de situar autores e autoras.

A proposta deste trabalho é socializar pesquisas de estudantes da UFPel desenvolvidas a partir do grupo, em especial, seu ponto de encontro: a escrita encarnada. A autoetnografia associada à escrevivência de Conceição Evaristo, tem se configurado com um produto e processo etnográfico possível para a construção de conhecimento encarnado. O conhecimento é gestado no interior do cotidiano que situa a

construção sócio-histórica das identidades coloniais e se move para além delas, especulando maneiras criativas de expressão de vida, cura e afetividade. Nós utilizamos a metodologia-epistemologia para abordar temas como abuso sexual, racialização e racismo, transgeneridade, saúde mental e retomadas.

"Quando eu morder  
a palavra,  
por favor,  
não me apressem,  
quero mascar,  
rasgar entre os dentes,  
a pele, os ossos, o tutano  
do verbo,  
para assim versejar  
o âmago das coisas.

Quando meu olhar  
se perder no nada,  
por favor,  
não me despertem,  
quero reter,  
no adentro da íris,  
a menor sombra,  
do ínfimo movimento.

Quando meus pés  
abrandarem na marcha,  
por favor,  
não me forcem.  
Caminhar para quê?  
Deixem-me quedar,  
deixem-me quieta,  
na aparente inércia.  
Nem todo viandante  
anda estradas,  
há mundos submersos,  
que só o silêncio  
da poesia penetra."

Conceição Evaristo, Da calma e do Silêncio.<sup>2</sup>

Isabella, desenvolveu uma pesquisa autoetnográfica sobre a formação em Antropologia, abuso sexual e racialização. Leticia, realizou uma pesquisa a/r/tográfica sobre a formação em Artes Visuais Licenciatura e suas investidas de transgressão da história única em sua prática artística docente. Raiana, escreveu uma tese *manifesta* e manifesto com relatos autoetnográficos sobre sua experiência oncológica durante a pandemia através de experimentações textuais e visuais sobre os processos de

---

<sup>2</sup> Disponível em: [Conceição Evaristo - Da calma e do silêncio](#). Acesso dia 28 de Junho de 2024.

adoecimento, cura e o envolvimento e relação de pesquisa com algumas terapeutas negras brasileiras. Wemi, formulou uma pesquisa autoetnográfica sobre o processo coletivo e múltiplo de ser trans.

Isabella mergulhou em sua formação como antropóloga e nos entendimentos complexos sobre a história da Antropologia, da Nação e de sua história pessoal para refletir sobre violência sexual e racialização. Durante a pandemia da Covid-19, o isolamento social trouxe à autora sentimentos vivenciados na infância, ainda não analisados. Intitulado de "*entre o grito e o respiro, costuro em minhas mãos caminhos de volta: aprendizagens em antropologia como educação*" (2022), a autora caminhou com a teoria feminista em uma mão e as produções têxteis na outra, pelo passado-presente, analisando e expressando as dores, os vazios e as aprendizagens com as mulheres que a cercavam.

Ao perceber a recorrência das narrativas de violência, especialmente o estupro, começou a escrever e pesquisar sobre o tema. Contudo, havia algo que ela estava sempre na iminência de conhecer sobre si mesma, mas não conseguia chegar ao âmago das coisas, como diz Conceição Evaristo. Em uma noite, algo vivo, presente em sua infância, invadiu sua casa e deixou seu corpo paralisado, lembrou vividamente do abuso sexual infantil do qual ela é sobrevivente. Um rato morou em seu quarto, mas ninguém acreditou na autora. Quando o rato teve filhotes, os sons que os pequeninos faziam não podiam mais ser ignorados, eles eram um aviso. Outro rato entrou em sua casa, cerca de 12 anos depois, durante a pandemia de Covid-19, para Isabella lembrar. O rato foi o animal que provocou na autora as memórias das violências que passou em sua vida, um companheiro de atravessar perigos.

"O estupro é uma violência direta de morte, talvez, o coração continue a pulsar sangue para todo o corpo e a pessoa violentada continue a andar pelos morros, ruas e avenidas; mas há sempre uma morte, as maneiras de ser, de expressar, de vestir, de comunicar, de andar, de corresponder, de ouvir e de prestar atenção estão educadas pelas situações de violência. O estupro é um instrumento de dominação e subjugação de corpos feminilizados, tecnologia de guerra que não é apenas a maneira física e explícita pela penetração abrupta e violenta de orifícios como vagina, ânus, boca. É também uma violência evocativa, que anuncia e enuncia um modo específico que o corpo deve corresponder com a teia social." (Isabella Guimarães, 2022, p. 59)

Para a legislação brasileira<sup>3</sup> estupro consiste em três esferas, são elas: o constrangimento de alguém a um ato sexual sem consentimento; violação sexual

---

<sup>3</sup> [LEI Nº 12.015, DE 7 DE AGOSTO DE 2009](#). Acesso em 8 de Julho de 2024.

mediante a fraude se refere a persuasão sem que a vítima tenha consciência do que está sendo proposto; o assédio é a enunciação da violação, seja com palavras, gestos, etc. Aglutinar os significados jurídicos e antropológicos sobre violências sexuais, constrói uma narrativa material da dimensão física e simbólica de suas práticas. O estupro é compreendido pela autora como uma violência física e evocativa que educa o corpo violado e que têm como consequência mortes simbólicas e performáticas.

Para lidar com a memória dolorida, ela se apegou às memórias das mais velhas, especialmente sua avó e a bisavó paterna, que são costureiras. Aos poucos, a antropóloga em formação foi percebendo o quanto não conhecia a história de sua família afrodiásporica e indígena. A história que era contada e registrada é do único homem branco de quem ela é descendente. Esse apagamento também acontece na formação acadêmica, onde a maioria dos conteúdos consumidos na graduação são masculinos, brancos, europeus e héterocisnormativos. O que não se narra e não se apresenta são as pesquisas e pesquisadoras, as histórias das mulheres, especialmente as racializadas e não héterocisnormativas. E assim, ela começa a perceber e intervir na complexidade que existe entre a produção de conhecimento antropológico e os sintomas vividos por ideologias eugenistas e héterocissexistas.

O estupro é também um problema antropológico, nos sentidos de análise, compreensão e prática executada por antropólogos consagrados. A antropologia não está isenta de ter antropólogos e antropólogas racistas, sexistas, elitistas, capacitistas e LGBTQIAPfóbicos. Ao contrário, nas salas de aula essas violências têm sido ensinadas como prática constituinte da profissão de docência acadêmica.



Foto 1, Stencil "Nossa crise tem 500 anos", Isabella Guimarães. Foto 2, Lambe-lambe artesanal com jornal e tinta acrílica "Estuprador, és tu que não para com a dor", Isabella Guimarães.

Intervir é mais que um desejo, é uma necessidade. Na intersecção da vida com a teoria, aprendida com a linguista negra bell hooks (2013), a vida e a produção de conhecimentos e teorias não estão desassociadas; pelo contrário, estão intrinsecamente relacionadas. Para a autora lésbica chicana Gloria Anzaldúa (2000), é necessário curar o espírito desinformado com histórias escritas sobre as dores e as delícias de estar viva. Isabella busca, com a filósofa María Lugones (2018) e a arqueóloga Loredana Ribeiro (2017), aprender outras maneiras de amar, cuidar e conhecer.

Letícia desenvolveu a pesquisa intitulada "*Ensino da arte, colonialidade e racismo: caminhos de um aglomerado de aprendizagem*"(2024) nela a autora aborda o ensino da arte a partir de uma perspectiva que trás a discussão entre a colonialidade e o racismo no intuito de proporcionar caminhos e aprendizagens que envolve práticas artística nos contexto escolares. Como educadora e artista busca trazer contribuições nas narrativas contra hegemônicas, pautadas nos conceitos de emancipação, subjetividade e autoconsciência. A pesquisa se dividiu em três capítulos a partir da metodologia da a/r/tografia, em que cada capítulo aborda um viés de forma interligada pela escrevivência de Conceição Evaristo, da construção da Letícia enquanto artista, pesquisadora e professora. No primeiro capítulo *A história única apaga o que não lhe interessa* abordou suas memórias sobre o ensino das artes visuais que teve, desde a educação básica até a universidade destacando o quanto a cultura eurocêntrica modela as práticas em ambos os espaços, além disso, articulou essas memórias com histórias dos seus cotidianos e mostrou como as culturas africanas e indígenas, lhe acompanharam ao longo de sua trajetória e produções artísticas. No segundo capítulo *Quebrando as demandas: compondo narrativas com ativistas* descreve as produções de quatro artistas em dissidência, sendo elas: Naine Terena, Rosana Paulino, Gê Viana e Castiel Vitorino Brasileiro. A partir das suas produções demonstrou a prática artística ativista e o trabalho artístico como uma forma de resistência. No terceiro capítulo *Adentrando a teoria na prática* fez o entrecruzamento entre suas práticas artística e a prática docente na construção de uma educação antirracista e descolonial. Para isso, descreveu as suas vivências com o ensino da arte durante uma das atividades dos Estágios Supervisionados no curso de Artes Visuais Licenciatura da UFPel. Com isso, a pesquisa buscou entender os apagamentos que circundam as práticas, tanto na arte quanto em seu ensino, tal como evidenciar outras narrativas e suas relações com os cotidianos, principalmente no contexto escolar. É nessas relações que se encontra a resistência como uma possível indicação de resposta ao sistema colonial e

discriminatório. Outro ponto que a pesquisa afirma é a importância do comprometimento individual e coletivo com a mudança, tendo em vista a necessidade de um processo de autoconhecimento quando se fala sobre o processo pedagógico, considerando os entornos em que se vive e o contexto social.



Foto 3, Produção de cadernos das aulas do estágio supervisionado, Leticia Lemos.

Raiana extrai de seu projeto-processo de fazer uma tese, nas fronteiras disciplinares entre antropologia e áreas da saúde, uma reflexão sobre os limites e esgotamentos da relação de pesquisa e escrita e sobre os enquadramentos éticos de pesquisas nas quais as colaboradoras e interlocutoras explicitam seu desejo de não serem transmutadas em “dados etnográficos” ou “objetos de estudo”. Foi partindo de elaborações metodológicas sobre autoetnografia e escrevivências, que ela passa a desenvolver sua própria escrita tendo como caminho uma escrita-processo(s) de “uma tese-manifesto: uma narrativa visual, uma narrativa textual, uma autoetnografia sobre vivência oncológica transfigurada em experimentação criativa e, por si, curativa” (Raiana FERRUGEM, 2024, p.8) enquanto lia, apreendia e era cuidada por terapeutas negras. A trajetória de intelectuais negras e seus pioneirismos na construção e humanização da saúde mental compõem a tese, somada à uma empreitada contemporânea e coletiva de terapeutas negras atuando durante a pandemia.

Sob o título: *Entre encruzas e espirais*: adoecimento, saúde mental e os caminhos das curas autorrecuperativas. A narrativa é entendida como possuidora de 3 naturezas, assim como as autorias e vozes que compõem as *peças* textuais que se organizam de forma circular e espiralada compondo os capítulos.

Após refletir sobre seu processo de alfabetização feito em casa, sua intimidade com a leitura, a percepção da naturalização de sua escrita acadêmica imitativa e a travessia para se autorizar ter uma voz, posto que professora universitária e doutoranda, para exercer uma nova escrita que fizesse jus a sua história e vivência negra na

academia e no mundo paralelo ao seu movimento de autorrecuperação (bell hooks, 2013 e 2023) de si para autorrecuperação que se quer coletiva e radical.

“Ao escrever aquele livro, fui compelida a confrontar a realidade das mulheres negras, nossa história negada e enterrada, nossas circunstâncias presentes. O pensamento, a escrita, foi um ato de restauração, permitindo que eu me recuperasse, que fosse completa. Eu chamo essa experiência de “autorrecuperação”. (bell hooks, 2013, p.76)

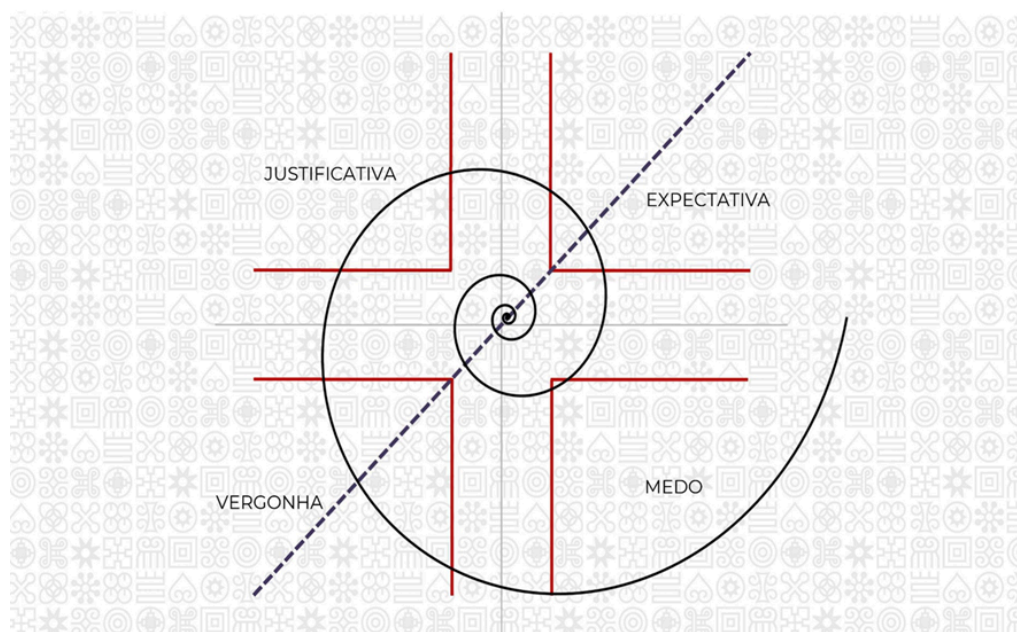


Foto 4, Gráfico Encruza da minha escrita. Raiana Ferrugem

“As encruzas e os espirais materializam nesta imagem o resultado desses meus lugares e as várias raianas dentro de um plano cartesiano matemática, estando o meu *orí* centrado neste ponto onde começa a espiral, sendo atravessado por essa força de movimento na transversal tracejada. E essas forças vermelhas que são os quadrantes que contém as justificativas, as expectativas, a vergonha e o medo... E desaguam no material dessa peça repleta de exposição. A encruzilhada da escrita. As forças cartesianas que me assombraram... A encruzilhada em vermelho é composta pelas esquinas. E sobrepondo-se a ela o plano cartesiano: 04 quadrantes com 03 dimensões em preto. Na leitura das linhas pretas: o plano x e y. Lado esquerdo negativo, lado direito positivo. Para cima positivo e para baixo negativo. E a linha pontilhada atravessando a encruza, poderia ser por aproximação: a terceira dimensão do volume... O volume, a energia, o *asé*, a sensação de conexão e a expansão! A mesma linha também representa a trajetória por onde me movo para a exposição, transcendendo às expectativas e rompendo com a força contrária que me mantinha inerte no silêncio e na vergonha centrada no medo! As linhas, os quadrantes e as palavras em cada esquina são o retrato da angústia, do impasse, do que estava parado... Estático... E que precisa de movimento! Se o que garante o movimento do corpo em trajetória é a relação entre a velocidade, o tempo e a massa... por aproximação o peso e a densidade de meus corpos possuem volume constituído e imerso no *asé*... (Raiana FERRUGEM, 2024, p.69)



A representação gráfica da encruza com o plano cartesiano se dá pelo exercício de aproximação de mundos distintos de uma forma não previsível e por isso mesmo sujeita a equívocos conceituais profundos no sentido dos significados atribuídos e partilhados entre mundos *distantes*, mas ao mesmo tempo *próximos* e *coabitados*. As linhas, os quadrantes e as palavras em cada esquina são descritas como retrato da angústia, do impasse, do que estava parado... Estático... E que precisava de movimento e transmutação.

A questão é a escrita na fronteira, na *encruza* entre mundos e dimensões... A autora considera que a escrita mais potente foi ser fiel ao pacto de não fazer das dores das mulheres negras objeto de análise para produção de dados. E, antes disso, vivenciar as estratégias coletivas de cuidado e autorrecuperação para capacitação e recuperação de outras mulheres negras: “lá na encruza eu operacionalizo essas forças que emanam do corpo. Corpo convocado a se redescobrir para seguir a sua retomada para autorrecuperação de si. E aí sim, estando nesse movimento: passo a ser e exercer esse corpo encruzilhada!” (Raiana FERRUGEM, 2024, p.70).

A redescoberta no caminho para autorrecuperação transmuta, uma mudança importante, material e corpórea, resultando no processo de desligamento da colonialidade – e retomada do futuro. O corpo descolonizado há de ser um outro corpo: autorrecuperado! “O gráfico transmuta a vergonha, que preferia ser silêncio, em exposição corajosa.” (Raiana FERRUGEM, 2024, p.70). Uma transmutação diaspórica, atlântica e amefricana, como nos inspiram Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez, e afro-pindorâmica nos termos de Nego Bispo. Nessa encruza, o medo e a necessidade de justificativas são transmutados. As expectativas que se busca suprir são àquelas nutridas pelo mel, dendê e cachaça!

“Na iminência do fim de diversos mundos (físicos e cosmológicos) não seria interessante, quase que a nível arqueológico, ter-se os registros dessas interações e experiências corporificadas? Chega! A boa aluna tem que morrer! Sejamos nós péssimas alunas e esquecidas de tudo o que nos foi ensinado que não comunica, não toca e não respeita o nosso existir! É insustentável conciliar esses lugares de obrigatoriedade e produtividade, com um corpo triste e uma mente cansada que não crê e não vibra com o que leu, escreveu, apreendeu e reproduziu... Essa autoetnografia me trouxe de volta para o corpo. O corpo que julguei ter me traído ao ter entrado em descompasso celular e mutantemente oncológico... A autorrecuperação me trouxe até aqui!” (Raiana FERRUGEM, 2024, p.156).



Foto 5, Tumores foto que compõem o ensaio Enredada Captura. Raiana Ferrugem.  
Intitulada de *NÃO É LINEAR, É EXTRAORDINÁRIO E MONSTRUOSO! uma autoetnografia desenhada da transgeneridade*, pesquisa realizada por Wemi, buscou abordar a produção do conhecimento ocidental a partir da monstruosidade tanto para compreender criticamente como a ciência segue (re)produzindo conhecimento racista e cissexista, quanto mostrar como corpos trans, fabricam estratégias para ser quem são e desviar das artimanhas da colonialidade. Dissidências da norma binária cishétero ocidental moderna desde muito tempo foram estudadas e categorizadas por corpos cisheterossexuais, sendo ignoradas, tendo suas vivências invisibilizadas e marginalizadas. Nesta pesquisa, Wemi buscou compreender como o processo de nomear “o outro” começou e como instituiu diferenças hierárquicas, no decorrer de seu trabalho mostrou como as invasões, expropriações e genocídio de terras e corpos iniciadas pela colonização, foram desde então acompanhadas da invenção e imposição da raça, do gênero e da normatividade sexual. (Maria LUGONES, 2014; Silvia FEDERICI, 2017) Nesse sentido, Wemi chama atenção para indissociabilidade das categorias de raça e gênero, entendendo que raça e gênero não são biológicos e sim produtos discursivos/materiais utilizados para controlar, dominar e estratificar populações não-brancas.

A autoetnografia (Viviane VERGUEIRO, 2016) e o autodesenho foram utilizados enquanto metodologias-epistemologias dissidentes contra-coloniais. Nesse sentido, a afirmação da subjetividade, evocação do lugar de fala e de experiências vividas no corpo do autor, ou seja a corpo-geopolítica do conhecimento, possibilitaram análises críticas e inventivas da realidade na qual Wemi está inserido. De forma experimental, Wemi propôs um capítulo no qual a narrativa visual de desenhos autoetnográficos foi conjunto autossuficiente, não vinculado à produção escrita. O desenho mais do que registrar foi um meio para se perceber, tornar-se consciente e

assim, fabricar narrativas contra hegemônicas para se olhar-perceber fora da norma e das imagens normativas sobre como corpos devem ser, vestir, habitar, performar.

Além disso, através de remendos autoetnográficos e de etnografia as conversações com militantes e companheiros/as/os das coletividades trans resistir e coletivo existimos evocaram estranhamentos, experiências com o Sistema Único de Saúde (SUS), percepções corporais, fluidez das identidades, conflitos, desidentificações em torno da sigla LGBTQIAP+ e resistências cotidianas. O percurso autoetnográfico possibilitou incorporar a voz do próprio autor e assim, contar histórias de vivências que são compartilhadas e atravessadas por autoafirmação, reconhecimento e ambiguidades. A discussão sobre pertencimento e não pertencimento permeia todo trabalho, aqui um breve fragmento do capítulo que mescla autoetnografia e etnografia:

“Apo conta que no seu bairro elu gera uma confusão e comentários quando passa, “as pessoas me veem como um bicho de 7 cabeças”. retomando aquela reflexão que fiz lá no início deste trabalho, o bicho de 7 cabeças é extraordinário, ninguém sabe responder a pergunta “mas tu é o que?”. as vezes sou brother, moça, filha, guri, eu nem me importo, o fato é que todos querem que eu, Apo e Jan sejamos alguém, uma coisa só. querem que sejamos legíveis aos olhos alheios mas não somos. ninguém sabe que lugar deve nos colocar e ainda sim, nos colocam. EXISTIMOS - não existimos, de gravata e unha com esmalte cintilante, de bigode e saia, seja como for, não somos cis e não pretendemos ser, parem de me nos projetar cis. parem de acreditar que estamos aplicando testosterona porque queremos ser “aquele homem”. parem de esperar que daqui uns meses com todos os aparatos farmacológicos disponíveis seremos “aquele homem”, o masculino, porque não seremos. parem de projetar em nosotres aquilo que vocês julgam ser “mulher” e “homem”. nós seremos um outro tipo, um tipo monstruoso, um tipo que confunde e se diverte com isso, um tipo que vocês não puderam e não poderão exterminar” (Wemi PEREIRA, pág 93, 2023)

Ao trazer de forma muito breve exemplos fora da norma ocidental binária presentes em populações tradicionais tanto na América Latina como em outros lugares do mundo, Wemi entende que é perversidade colonial dizer que pessoas dissidentes de gênero-sexuais, são “de agora” pois isso justifica a narrativa que diz sobre a normatividade branca, cishétero, capacitista como sendo aquela que “sempre existiu” e assim, fixa existências trans e outras como resultado de “progressos” sociais e tecnológicos.



Foto 6, desenho autoral, tinta guache sobre papel pardo, 2022, Pelotas, acervo pessoal de Wemi Pereira.

\*\*\*

Tensionamos os limites do que é considerado aceitável como texto que compõem trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses. A narrativa escrita tradicional é desestabilizada não só pela crítica, mas pela audácia e liberdade para experimentações criativas que costumam, desenharmos, fotografamos e performamos novas possibilidades de comunicar sobre relação de pesquisa, análise de dados e diferentes trajetórias pessoais e acadêmicas vividas por corpos que produziram e aqui publicizam suas escritas encarnadas.

A centralidade do corpo como uma instância física que sente e que não se submete a um roteiro pré-estabelecido de texto acadêmico. Os incômodos e as dores informam sobre a necessidade de novas experimentações como antídoto para colonialidade, onde nossa escrita encarnada se faz como caminho de metodologias-epistemologias possível da e na antropologia para além do contexto de produções cunhadas durante a pandemia.

bell hooks (2020) defende o uso da teoria como prática de cura das dores e feridas causadas pela colonialidade, racismo e cissexismo. abigail campos leal (2020) em sua escrita encarnada, compreende que os estudos são cura tanto quanto arma. Ambas autoras evidenciam as dimensões terapêuticas e bélicas dos saberes pretes, indígenas, das mulheres e pessoas trans articulados e entendidos em suas particularidades. Nas pesquisas que compartilhamos aqui, cada uma a partir de sua experiência material fábula a si mesma, por meio da narração constrói um mundo possível de enunciação da dor e da cura. Assim, buscamos refletir sobre as possibilidades expressivas da antropologia, costurando arte, poesias e conhecimentos ancestrais.

#### REFERÊNCIAS:

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 01, p. 229-236, 2000.

CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade: a escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro: SciELO-Editora FIOCRUZ, 2013.

CORRÊA, Mariza. O espartilho de minha avó: linhagens femininas na antropologia. *Horizontes Antropológicos*, v. 3, n. 7, p. 70-96, 1997.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução: coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FERREIRA DIAS MARTINS, M. C. Rita Irwin: : a a/r/tografia e a potência de encontros educativos como práticas artísticas. *Revista Trama Interdisciplinar*, [S. l.], v. 13, n.2, p. 17–28, 2022. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/15338>. Acesso em: 15 mar. 2024.

FERRUGEM, Raiana Mendes. *Entre encruzadas e espirais: adoecimento, saúde mental e os caminhos das curas autorrecuperativas*. Orientadora: Loredana Marise Ricardo Ribeiro. 2024. 170 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024

GONZALES, Lélia. *A Categoria Político-Cultural de Amefricanidade*. In: Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, N° 92/93 (jan.-jun), 1988.

GUIMARÃES, Isabella Alves. *Entre o grito e o respiro, costuro em minhas mãos caminhos de volta [recurso eletrônico]: aprendizagens em antropologia como educação*. 2022. 89 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia) –

Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.  
Orientadora: Loredana Ribeiro. Coorientação: Grupo Mariposas.

HOOKS, Bell et al. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, v. 2, 2013.

\_\_\_\_\_. *Irmãs do inhamé: mulheres negras e autorrecuperação / tradução floresta*. -- 1. ed. -- São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2023.

\_\_\_\_\_. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. Tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

LEAL, Abigail. Me curo y me armo, estudando: a dimensão terapêutica y bélica do saber prete y trans. *Pandemia Crítica*, n. 052, 2020, p. 65-77.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista estudos feministas*, v. 22, p. 935-952, 2014.

PEREIRA, Wemi Soares. *NÃO É LINEAR, É EXTRAORDINÁRIO E MONSTRUOSO! uma autoetnografia desenhada da transgeneridade*. Orientadora: Loredana Ribeiro. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharelado em Antropologia. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas. 2023.

RIBEIRO, Loredana. Crítica feminista, arqueologia e descolonialidade: sobre resistir na ciência. *Revista de Arqueologia*, v. 30, n. 1, p. 210-234, 2017.

SOUSA, Letícia Lemos. *ENSINO DA ARTE, COLONIALIDADE E RACISMO: caminhos de um aglomerado de aprendizagens*. 2024. 102 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais - licenciatura) - Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024. Orientador: Daniel Bruno Momoli. Coorientação: Loredana Ribeiro.

VERGUEIRO, Viviane Simakawa. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Dissertação de mestrado. Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, 2016.